

Nome: Mariana Rodrigues Festucci Ferreira

E-mail: marianafestucci@yahoo.com.br

Instituição de Ensino: PUC-SP

Orientador: Raul Albino Pacheco

DA FILOSOFIA COMO MEDIADORA PARA A (IM)POSSÍVEL INTERLOCUÇÃO ENTRE A PSICANÁLISE E A ARTE

Resumo: Encetar uma interlocução entre a Arte e a Psicanálise não é algo fácil, uma vez que implica o risco de tomar as partes envolvidas como mero objeto enquadrado, reduzido e portanto subjulgado, quando cada qual possui suas especificidades e autonomia. Mesmo parecendo impossível estabelecer uma interlocução que não recaia em uma objetificação, tanto artistas quanto psicanalistas já se lançaram nesta via, haja vista os trabalhos de Sigmund Freud, Jacques Lacan e do movimento surrealista, só para citar alguns exemplos de empreitadas que por vezes foram exitosas, outras vezes nem tanto. Justamente por isso é que esta comunicação se propõe a recorrer à Filosofia como mediadora da interlocução entre Psicanálise e Arte.

Dada a dificuldade de estabelecer interlocuções, por que representantes de destaque da Psicanálise quanto da Arte insistiram na empreitada? Para nos auxiliar nesta questão, nos voltamos para um fragmento do livro "Mito de Sísifo" escrito por Camus (2013, p.43): "Talvez nunca tenham existido espíritos tão diferentes. Mas, apesar disso, reconhecemos como idênticas às paisagens espirituais por onde transitam. Do mesmo modo, o grito que culmina seu itinerário através de ciências tão diferentes [...]. Pode-se dizer que há um ambiente comum aos espíritos que acabamos de recordar". No que saberes tão diferentes quanto a Psicanálise e a Arte podem comungar, portanto? Através do real, para o qual tanto o furo em torno do qu

al as mais diversas obras criativas se organizam através da sublimação quanto o furo no dito dos mais diversos analisandos aponta. Ocorre que o real é impossível de ser simbolizado. Mas conforme nos lembra Safatle (2006, p.280) "O impossível é, na verdade, um regime de negação no interior da clínica. Mesmo sendo "impossíveis", as

categorias que estão arroladas não estão excluídas do campo subjetivo de experiência e direção da cura. Elas só são impossíveis sob a perspectiva reflexiva da consciência. O que nos explica por que tais categorias podem ser formalizadas, mas não simbolizadas".

A partir da teoria e prática psicanalítica sabemos que é impossível simbolizar o real, mas não é impossível formalizá-lo. Boa parte do esforço de Jacques Lacan em seu ensino passou por isso. E não há campo do saber que faça a formalização do impossível com mais maestria do que a Arte. Disso já sabia Freud ao assinalar que no lugar onde o psicanalista tentava chegar, o artista já havia estado muito antes. Assim é que, em matéria do impossível, a Psicanálise tem muito a aprender com a Arte, e todos os esforços dos psicanalistas nesta direção são louváveis.

O desafio, entretanto, permanece. Como pensar uma interlocução entre saberes tão peculiares em torno do "impossível"? É neste momento que julgamos essencial recorrer a via da inestética proposta pelo filósofo Badiou (2002) como um modelo de bom diálogo.

De acordo com Badiou (2002) se o conhecimento psicanalítico é aplicado à Arte, tomando-a como objeto, estabelece-se uma relação na qual apenas a Psicanálise sai ganhando – a última apodera-se gratuitamente do que é fornecido pela primeira. Tal procedimento não lhe parece apropriado, pois a Arte, que por si mesma descortina verdades, não pode ser reduzida a um mero objeto. Badiou postula então a “inestética” como modelo para o diálogo com as Artes, diálogo que parte da sua área de conhecimento (a Filosofia) em direção às Artes, visando descrever “os efeitos estritamente intrafilosóficos produzidos pela existência independente de algumas obras de Arte” (p. 9); tal modelo, a seu ver, se opõe a qualquer objetificação ou reflexão puramente estética.

Para exemplificar a tensão entre conhecimento e Arte, Badiou (2002, p.11) recorre a uma “matriz analógica de sentido” – a relação entre o “mestre e a histérica” tal como é descrita por Lacan: a histérica ao falar faz deslizar por sua boca uma verdade e supõe que o mestre detenha um saber a respeito dela, por isso o desafia a lhe dar um parecer. Por mais perspicaz que seja o parecer do mestre, para a histérica ele não passa de uma frágil aproximação, o que a deixa profundamente insatisfeita ao mesmo tempo em que a faz pôr em xeque a posição do mestre.

Tal como a histérica se mostra ao mestre a Arte se exhibe ao pensador, instigando-o ao mesmo tempo em que está em constante mutação, fazendo-se sempre

inapreensível, o que não deixa outra saída ao pensador a não ser reconhecer a própria impotência:

Ou [ele] dirá aos jovens, seus discípulos, que o cerne de qualquer educação viril da razão é manter-se afastado da Criatura, ou acabará por conceber que só ela, esse brilho opaco do qual só podemos ser cativos, nos ensine sobre o viés por onde a verdade comanda que o saber seja produzido (Badiou, 2002, p.11-2).

Badiou considera a Arte como um “procedimento de verdade”, ou seja, como aquilo que acende ao real, concepção que muito se aproxima ao que Lacan enuncia no texto “Lituraterra”, escrito em 1971: Lituraterra, litura na terra, fenda para o real. O real não pode ser enlaçado por discursos acabados, sejam eles científicos políticos ou amorosos. A Arte, por esta abertura singular para o real, é irreduzível a qualquer conhecimento; não há palavra capaz de capturá-la em totalidade, bem como não há palavra que seja capaz de revelar uma verdade última. Já o dizia Lacan em Televisão (1973/2003): “sempre digo a verdade: não toda, porque dizê-la toda não se consegue. Dizê-la toda é impossível, materialmente: faltam palavras. É por esse impossível, inclusive, que a verdade tem a ver com o real” (p.508).

Uma vez que a Arte não pode ser reduzida pelos outros campos de conhecimento, ou seja, por qualquer categoria fragmentada de verdade, de que forma pode então a Arte nos transmitir algo? Badiou (2002) responde de maneira precisa: “a coisa pela qual a Arte educa é simplesmente a sua existência. Trata-se apenas de encontrar essa existência” (p.21), ou seja, de tomar contato com ela, e para tal, tanto a Psicanálise, a Filosofia ou quaisquer outras ciências podem servir apenas de “alcoviteiras” – instiguem um encontro, nunca pretendendo fazer uma “mostração completa”, o que corromperia o mistério. É de Mallarmé a crítica ao movimento dos poetas parnasianos que pretendiam tudo enquadrarem com suas combinações de palavras. Mallarmé, observa Badiou (2002), “funda uma ética do mistério que é o respeito, pelo poder de uma verdade, de seu ponto de impotência” (p.38), ponto que não é assimilado pelas ciências em geral. A esse respeito diz Lacan no texto Lituraterra (1971/2003): “Quando invoco as Luzes, é por demonstrar onde ela faz furo. Já se sabe há muito: nada é mais importante na óptica, e a mais recente física do fóton mune-se disso” (p.17). Quando Lacan alude às luzes científicas o faz justamente para evidenciar o que elas deixam descoberto.

É de suma importância que, para além do estabelecimento forçoso de relações entre os dois campos, tente-se ao menos marcar algo que ambos exploram de modos distintos. O sujeito está no centro da Arte, seja enquanto artista ou espectador, assim como está no centro da Psicanálise. Ao sujeito cabem desejos, angústia e a submissão ao inconsciente, bem como lhe ocorre ocasiões em que é assaltado por um estranhamento que desaloja o eu de seu frágil núcleo identificatório; ao sujeito desvanecente pode lhe restar apenas o grito. Tal grito a todo o momento emerge tanto da Arte quanto da Psicanálise. E é do "grito" e do "emissor" desse grito que o mais ancestral dos saberes primordialmente se ocupou. Assim, julgamos impossível pensar na (im)possível interlocução entre a Arte e a Psicanálise sem recorrer à Filosofia.

Palavras-chave: Filosofia, Arte, Psicanálise.